

Acesso à rede de esgoto favorece rendimento escolar de crianças

Constatação foi feita por pesquisadores da FGV no bairro de Alagados

Antonio Queirós

Alan Rodrigues

A vala por onde corre o esgoto é a fronteira visível que separa os moradores das casas urbanizadas e com infra-estrutura de saneamento, dos que ainda vivem em barracos, sem acabamento ou instalações hidráulicas e de esgoto. Mas a distância entre as duas realidades, tão próximas e integradas, vai além do que os olhos podem ver. Uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgada esta semana estabelece ligação entre a existência de rede de esgoto e o aproveitamento escolar de crianças de famílias antes desassistidas. Os pesquisadores ainda não definiram com exatidão de que forma o esgotamento interfere no aprendizado e novos estudos estão sendo planejados, mas visitando esses locais é possível deduzir o motivo da transformação.

De um lado da vala citada na abertura da reportagem estão as casas do projeto Viver Melhor, no bairro de Alagados. Residências de alvenaria, com toda infra-estrutura, localizadas onde antes só havia palafitas. Joceane Conceição, 27 anos, é mãe de dois filhos e lembra bem dos frequentes afastamentos da escola por atestados médicos, devido a viroses, verminoses e infecções causadas pela falta de água tratada e de um sistema de coleta do esgoto produzido na vizinhança. "Cada vez que meus filhos ficavam doentes era uma a duas semanas



em casa. Hoje está bem melhor", atesta, com a ressalva para o mau cheiro que vem da vala e atrai muitos mosquitos.

Contaminação - Algumas quadras depois da casa de Joceane, Ângela Santana, 27, vi-

ve temporariamente na casa da mãe, por conta da quarta gravidez. Com casa do outro lado da vala, ela lembra sem saudade do tempo em que vivia nas palafitas. "Não tinha banheiro, a gente usava

estava dormindo na sala de aula", detalha Ângela, que aguarda a conclusão da próxima etapa de obras no bairro do Uruguai, para, quem sabe, ter acesso a água encanada e coleta de esgoto.

Joceane (D) diz que muitas vezes as crianças se afastavam da escola devido a viroses, verminoses e infecções

um buraco no chão e fazia as necessidades direto na maré. Quando enchia, as crianças se molhavam na água contaminada, muitas vezes, e a gente bebia aquela água salobra", relata.

A filha de Ângela, Jéssica, 8, chegou a ser internada com verminose em estágio avançado. "Ela botava vermes pela boca", conta a mãe. Barriga inchada, dor de cabeça, febre, vômitos e diarreias eram constantes e minavam as forças da pequena estudante. "A diretora sempre ligava para minha mãe pedindo para ir buscar Jéssica, porque ela

Esgotamento alcança 68% da população

A julgar pelo avanço da rede de esgoto na Bahia e, particularmente, em Salvador e região metropolitana, desde 1991, as esperanças de Ângela Santana não são em vão. A pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas, sob encomenda do instituto Trata Brasil, especializado nas questões de saneamento e meio ambiente, revela um grande salto da rede de esgotamento local que coloca o estado entre os três com maior acesso a redes de esgoto no país, atingindo 68% da população.

A pesquisa utiliza dados do censo de 2000, com complemento do PNAD de 2006, e evidencia benefícios diretos da ampliação da rede de esgotamento, como a queda pela metade da mortalidade infantil provocada por doenças infecciosas e parasitárias – de 12,1%

para 6,4% de 1996 a 2005. A novidade foi a detecção de uma melhoria de 30% nos índices de proficiência (aproveitamento) e reprovação das crianças que passaram a contar com esgotamento.

"Ainda não isolamos esse dado, mas vamos realizar novos estudos para aprofundá-lo", diz o coordenador da pesquisa, o economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas

Sociais da Fundação Getúlio Vargas. Neri pretende desenvolver novas pesquisas sobre o que chama de "experimento baiano" e estabelecer mais claramente a ligação entre o saneamento e o rendimento escolar.

Segundo ele, os habitantes de residências com esgotamento apresentaram melhora discreta na frequência às aulas, em torno de 2%, o que

não caracteriza a ligação entre a falta de saneamento e a evasão escolar. Os números são mais expressivos quando se trata de afastamento do trabalho, com queda de 11% nas ausências motivadas por doenças originadas pela falta de saneamento.

Marcelo Neri destaca a eficiência alcançada pelo programa Baía Azul, de 1991 a 2000, quando foi registrado um aumento de 263% na região metropolitana de Salvador – de 33,7% para 78,4% –, do índice acesso às redes de esgoto. Os números contrastam com a estagnação observada na região metropolitana do Rio de Janeiro, onde o programa de despoluição da Baía de Guanabara elevou de 52,7% para apenas 62,3% o acesso ao saneamento na capital fluminense e cidades vizinhas.

ACESSO À REDE DE ESGOTO

1991 2000 Salvador e RMS 33,7% 78,4% Rio de Janeiro e região 52,7% 62,3% Fonte: Censo IBGE 2000

PERMANÊNCIA NA ESCOLA

(de 0 a 17 anos)

2004 2006 Com acesso a esgoto 63,9% 66,8% Sem acesso a esgoto 50,44% 53,39% Fonte: Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – IBGE 2006



Casas do Viver Melhor permitiram acesso das famílias de Alagados ao esgotamento sanitário